

Editorial

DOI: 10.3395/reciis.v4i3.396pt

Iniciamos a apresentação deste número temático intitulado Processos Comunicacionais, Religiosidades e Saúdes (co) memorando o samba-enredo entoado pela Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense do Rio de Janeiro, em 2010, "(...) *A Imperatriz é um mar de fiéis / No altar do samba, em oração / É o Brasil de todos os deuses! / De paz, amor e união...*". A letra traduz o caráter barroco da cultura em *terras brasileiras*, que aglutina as diversas manifestações religiosas e espiritualistas, nas quais as práticas terapêuticas e a promoção de cura encontram-se inseridas, nos campos e nas fronteiras da sociedade e da cultura. Em nossa visão, tais manifestações não estariam imunes a esta padronização social.

A intenção primordial deste número é agregar pesquisadores de referência e jovens promissores do campo da religiosidade, espiritualidade e saúde e suas interseções com processos comunicacionais através de diversas linguagens e recursos de expressões.

O artigo de Miriam Rabello, da Universidade Federal da Bahia, aborda, a partir de diversos autores, a transformação do significado pelos tratamentos religiosos, remetendo a novos quadros interpretativos. Esta autora estrutura suas reflexões através de três questões para o entendimento dos processos de comunicação: conceito de compreensão, sensibilidade e sentido na construção e manutenção da identidade de pessoa sã. A autora ainda percorre o papel dos objetos para a construção dos acordos intersubjetivos na transformação do sentido.

Eymard Mourão Vasconcelos, da Universidade Federal da Paraíba, apresenta material de sua pesquisa sobre espiritualidade no cuidado e no ensino, nos proporciona um entendimento, em diversos períodos históricos, sobre as práticas religiosas e suas expressões no campo do trabalho e saúde e prevenção de doenças. O autor chama a atenção para o reconhecimento desta temática por diversos setores acadêmicos em estudos quantitativos, oriundos de métodos epidemiológicos, que proporcionaram legitimidade aos estudos qualitativos, foco de atenção do autor neste artigo.

A estrutura do artigo de Fernando Lefèvre e colaboradores, da Universidade de São Paulo, é resultante de duas pesquisas

empíricas, sendo que a temática de uma delas se encontra inscrita na representação da morte em contextos hospitalares. A segunda abordagem dos autores diz respeito ao uso da pílula do dia seguinte entre adolescentes, tendo sido utilizada como metodologia o Discurso do Sujeito Coletivo. Os autores finalizam indagando sobre a possibilidade de um espaço legítimo para influências institucionalizadas das religiões no mundo moderno, ou sua ressignificação, especialmente no campo saúde-doença.

Rachel Aisengart Menezes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tece reflexões sobre as mudanças no novo Código de Ética Médica, a partir de abril de 2010, e suas repercussões na relação médico-paciente e nos aspectos sociais ligados ao processo vida-morte. A autora sugere um amplo debate sobre as pesquisas e as práticas na assistência em saúde, as políticas públicas, as demandas dos distintos segmentos sociais da população, além da proposição e tramitação de projetos de lei vinculados a tais questões.

A existência de considerável literatura religiosa de orientação espírita sobre o suicídio é abordada no trabalho de Carlos Estellita-Lins e colaboradores, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Iciict/Fiocruz, com especial destaque para a prevenção. A investigação lançou foco sobre esta literatura, que poderia ser considerada pela ciência como "cinzenta", na produção cultural escrita ou midiática realizada no Brasil.

O artigo de Maria Helena Vilas Boas Concone, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo e de Eliane Garcia Rezende, da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, analisa as descrições da religião umbandista em romances espíritas kardecistas no que tange aos marcos históricos de fundação desta religião no Brasil. Analisa ainda os fenômenos sobrenaturais ligados à vida de indivíduos, buscando compreender os processos saúde-doença envolvidos e sua relação com a literatura acadêmica.

O artigo de Ana Cristina de Souza Mandarino e Estélio Gomberg, ambos da Universidade Federal da Bahia, tratam do papel da Escola de Medicina da Bahia na confecção, e posterior manutenção, dos estereótipos acerca da loucura e da criminalidade que recaíam sobre os adeptos das religiões

afro-brasileiras através da publicação da Gazeta Médica da Bahia que, anos mais tarde, viria a se transformar no periódico científico mais importante a divulgar as teorias raciais européias do século XIX.

Por meio do uso de ferramentas de novas tecnologias em tempos contemporâneos, Ricardo Oliveira de Freitas, da Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, analisa expressões de sociabilidades e de identidades de religiosidades de matrizes africanas e a (re) configuração destas religiões que, centradas na tradição oral, transformam-se em religiões hipertextuais, além da investigação sobre as ofertas de serviços mágico-religiosos.

Agregando duas experiências na área de religiosidade e saúde, na perspectiva da educação popular em saúde, Carla Moura Lima e Eduardo Stotz, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz, examinaram, através da adesão religiosa, o acesso e a elaboração de dimensões do viver em grupos populares de áreas de vulnerabilidade social, através dos discursos religiosos utilizados pelos atores sociais na busca de soluções para problemas do seu cotidiano.

Patrícia Serpa, da Universidade Federal da Paraíba, valoriza as manifestações de espiritualidade no campo da atenção básica através de um olhar da educação popular em saúde – na perspectiva da autora, um tema pouco explorado na formação universitária em saúde – sugerindo a organização de qualificação nesta área nos espaços institucionais.

Finalizando a seção de artigos, mantendo a tradição cultural nacional, de que “no Brasil tudo acaba em samba”,

temos as reflexões de Silvia Maria Jardim Brügger, da Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais, que analisa a significação da religião na trajetória pessoal e artística da cantora brasileira Clara Nunes, apontando as diversas evocações religiosas em suas canções e a posterior atribuição destas ao alívio do sofrimento para os diversos sujeitos sociais.

O presente número da Recis finaliza com as contribuições de Betânia Maria Vilas Bôas Barreto, da Universidade Estadual de Santa Cruz, BA, e Célia Regina da Silva, da Universidade Metodista de São Paulo. A primeira escreve resenha sobre o livro organizado por Eymard Mourão Vasconcelos, “A Espiritualidade no trabalho em saúde”, enquanto a segunda fala sobre o documentário “A Bença”, dirigido por Tarcísio Lara Puiati.

Agradecemos o convite, o carinho e a persuasão da professora Maria Cristina Guimarães, do Ictit/Fiocruz, para a organização deste número temático com as premissas de ampliar as atenções aos fenômenos da informação, da comunicação e da saúde para leituras em diversas áreas do conhecimento, assim como tornar este veículo científico mais uma referência editorial nas discussões deste campo.

Boas leituras,
Ana Cristina de Souza Mandarino
e Estélio Gomberg
Salvador, 2010.